

nara roesler

tomie ohtake



---

## tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão

m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais representantes da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, Japão, em 1913, mudando-se para o Brasil em 1936. Sua carreira artística teve início aos 37 anos quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de descendência japonesa. No final da década de 1950, ao abandonar a fase inicial de estudos figurativos na pintura, mergulhou em explorações abstratas. Nessa fase, realizou a série conhecida como *Pinturas cegas* em que suprimia a visão para experimentar e desafiar as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, trazendo à tona em sua prática sensibilidade e intuição.

Em 1957, convidada pelo crítico Mário Pedrosa, ela realizou uma primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que culminou, quatro anos depois, em sua participação na Bienal de São Paulo de 1961. Ohtake começou a experimentar vários métodos de impressão durante os anos de 1970 e, já no final da década de 1980, executou projetos esculturais de grande escala, assim como esculturas públicas em São Paulo e cidades vizinhas. Tendo trabalhado até o fim na vida, Tomie Ohtake faleceu em 2015, aos 101 anos de idade.

---

## [clique aqui para ver cv completo](#)

### exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Persistência do visível*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: Cor e corpo*, Caixa Cultural, Brasília, Brasil (2018)
- *Tomie Ohtake: Nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

### exposições coletivas selecionadas

- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940-70*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Raio-que-o-parta: Ficções do moderno no Brasil*, Sesc 24 de Maio, São Paulo, Brasil (2022)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Contemporâneo, sempre – Coleção Santander Brasil*, Farol Santander, São Paulo, Brasil (2019)
- *Surface Work*, Victoria Miro, Londres, Reino Unido (2018)
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection*, Art Museum of the Americas, Washington, EUA (2013)

### coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, Estados Unidos
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMOMA), San Francisco, EUA
- M+, Hong Kong
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Mori Art Museum, Tóquio, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

---

<b>4</b>	primeiros trabalhos
<b>9</b>	pinturas cegas
<b>13</b>	pinturas com papéis rasgados
<b>18</b>	abstração orgânica
<b>25</b>	formas circulares
<b>31</b>	pinturas cósmicas
<b>36</b>	monocromos
<b>41</b>	gravuras
<b>47</b>	esculturas e obras públicas

---

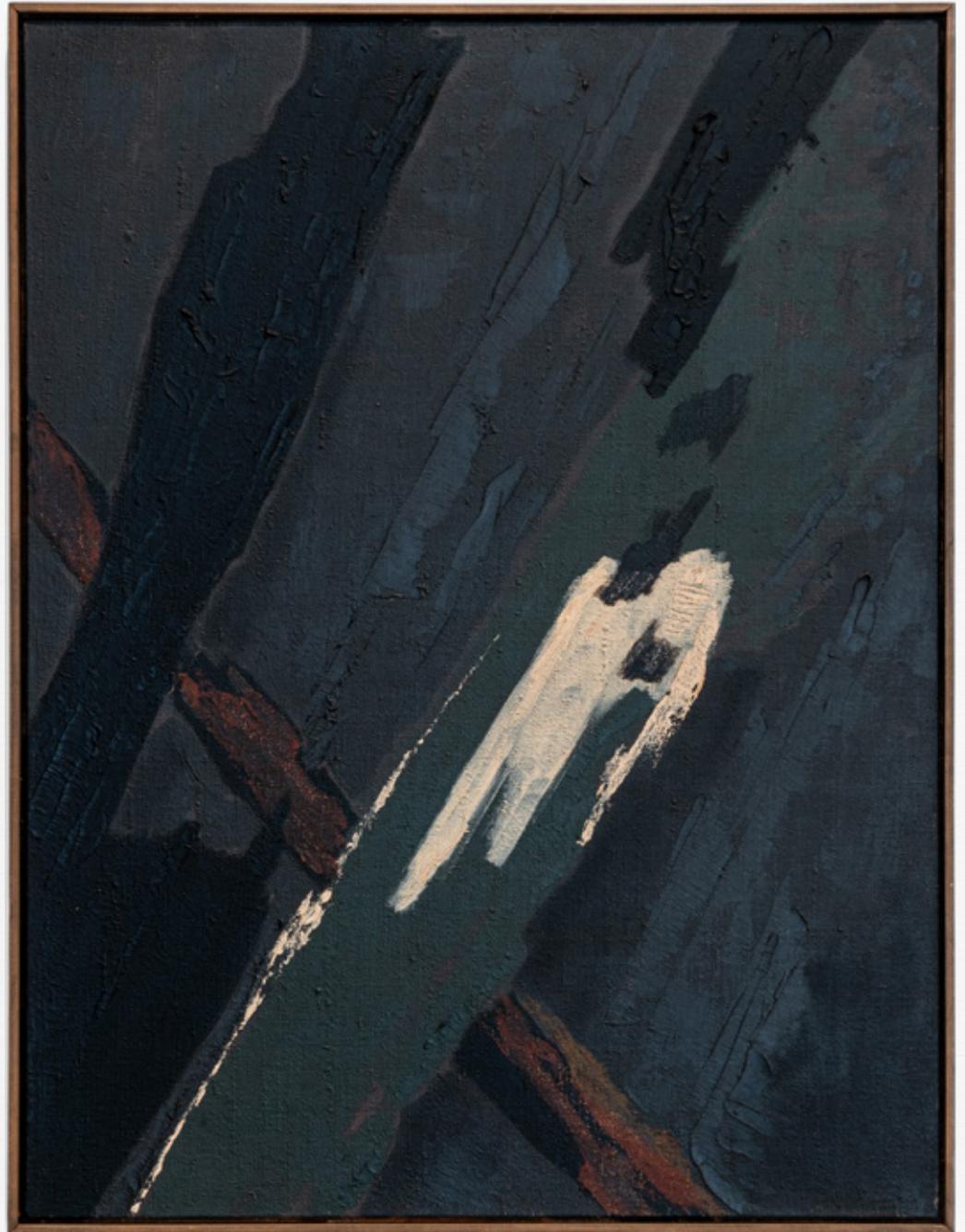
---

## primeiros trabalhos 1952–1959

As primeiras pinturas de Tomie Ohtake surgem de seu contato com o pintor japonês Keisuke Sugano, que estava de passagem pelo Brasil no início da década de 1950. Nesse momento, suas telas retratavam vistas da cidade, cenas urbanas, além dos gêneros tradicionais da natureza morta e do retrato. Em seguida, a artista passa a trilhar um caminho próximo na abstração, em que as figuras dão lugar a formas simplificadas e campos de cor. Após participar de algumas exposições, em 1957, realiza individual no Museu de Arte de São Paulo (MASP). No grupo de trabalhos exibidos, o público podia reconhecer um estilo estruturado e original, em que as formas geométricas que se sobrepõem na composição não sublimam as marcas dos gestos que as realizaram.

---

*Sem título*, 1957  
tinta óleo sobre tela  
65 x 50 cm





---

Sem título, 1956  
tinta óleo sobre tela  
73 x 59,5 cm



---

Sem título, 1959  
tinta óleo sobre tela  
97 x 77 cm

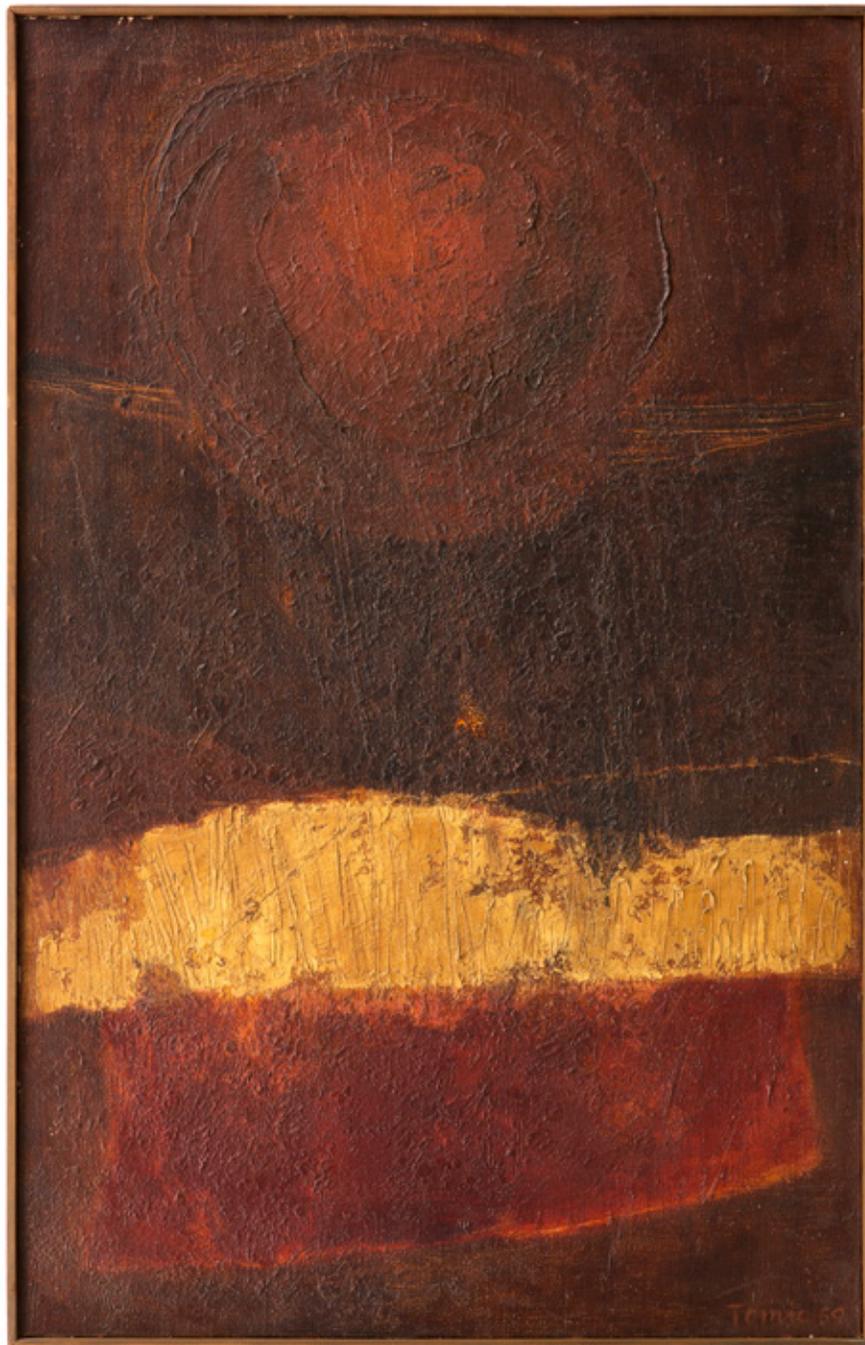


---

Sem título, 1959  
tinta óleo sobre tela  
75,5 x 95,5 cm

---

*Sem título*, 1959  
tinta óleo sobre tela  
74,5 x 48 cm



---

**pinturas cegas** 1959–1961

Entre 1959 e 1961, motivada pelo amigo próximo e crítico de arte Mário Pedrosa, Tomie Ohtake iniciou uma investigação sobre novos procedimentos e técnicas que a libertassem dos modos tradicionais de percepção e produção de pinturas. Ao colocar uma venda sobre seus olhos, a artista podia aplicar livremente as pinceladas sobre a superfície do quadro, criando composições abstratas que ficaram conhecidas como *Pinturas cegas*. Mesmo tendo um diálogo próximo com os principais representantes do movimento Neoconcreto em São Paulo, Ohtake sempre almejou produzir uma arte que não estivesse diretamente ligada a manifestos ou regras estilísticas vinculadas a um grupo. Enquanto trabalhava com o abstracionismo, Ohtake criou pinturas advindas de uma extensa pesquisa individual capaz de permitir a experimentação exaustiva que culminou em uma forma de abstração intuitiva e organizada.

---

Sem título, 1961  
tinta óleo sobre tela  
75 x 85 cm





---

*Sem título*, 1960  
tinta óleo sobre tela  
83 x 61 cm

---

→ [próxima página]  
*Sem título*, 1962  
tinta óleo sobre tela  
60 x 120 cm





---

vista da exposição  
*Pinturas Cegas*, 2013  
Museu de Arte do Rio (MAR),  
Rio de Janeiro, Brasil

---

## pinturas com papéis rasgados

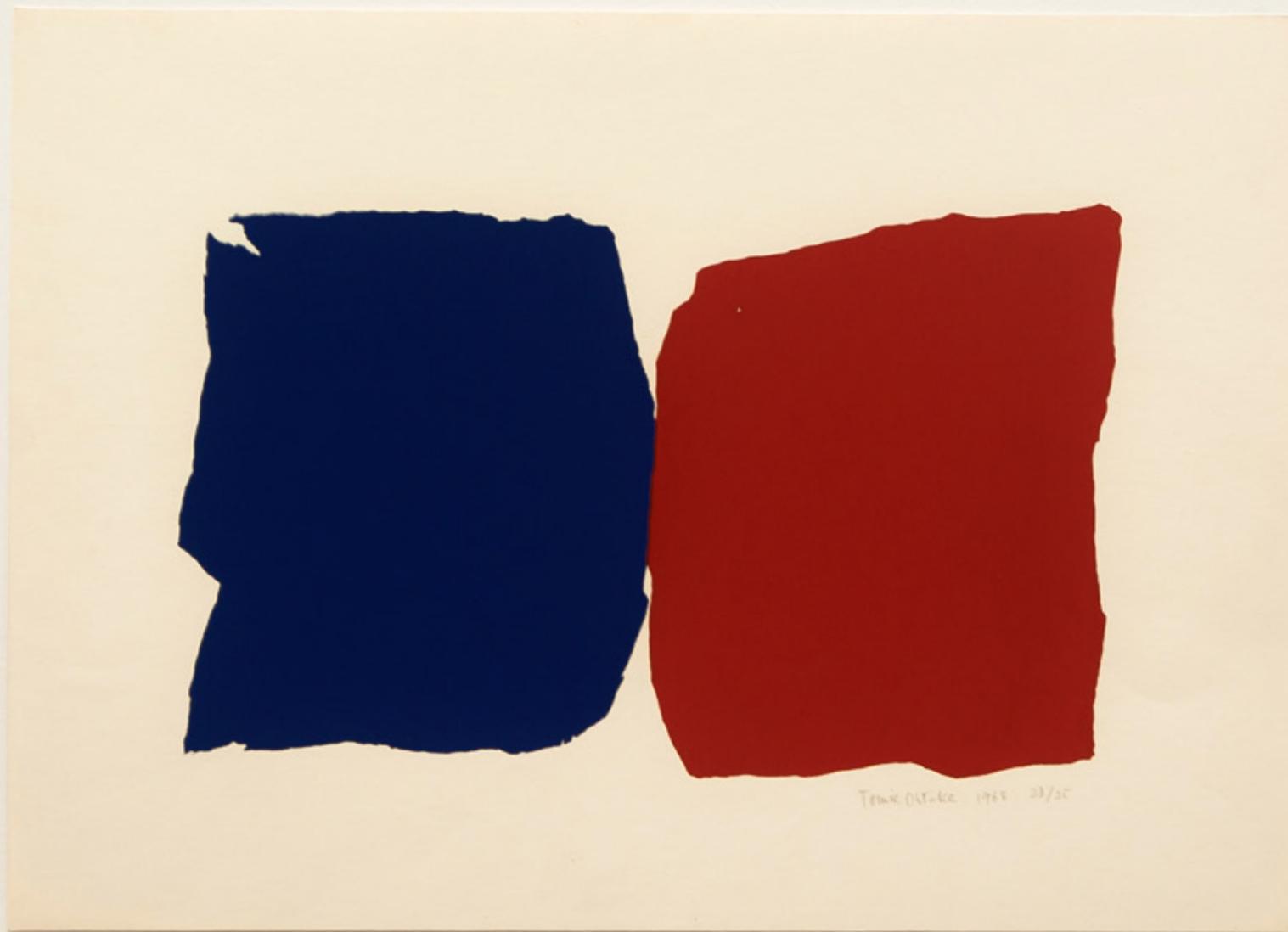
1962–1969

No início dos anos 1960, sua produção dá outra guinada. A amplitude do gesto dos anos anteriores dá espaço a áreas de cor mais delimitada. Tomie Ohtake passa a compor seus trabalhos utilizando papéis rasgados de revistas brasileiras e japonesas. Nessas colagens de pequeno formato, ela testa as composições, definindo áreas de cor que resultarão em suas pinturas. Como a metodologia da artista se baseava no rasgo, havia algo de impreciso nas formas, assim como uma riqueza de textura pelo efeito do gesto. Nas telas, a tensão entre equilíbrio e desequilíbrio torna-se proeminente entre as formas quadrangulares, que figuram sobre amplos fundos uniformes de cor. Nesse período, a repetição torna-se uma estratégia da artista para pesquisar relação cromáticas. Mesmo que a disposição dos elementos se repita, o uso de tonalidades diferentes cria novos efeitos visuais sobre a tela.

---

Sem título, 1962  
tinta óleo sobre tela  
129 x 110 cm





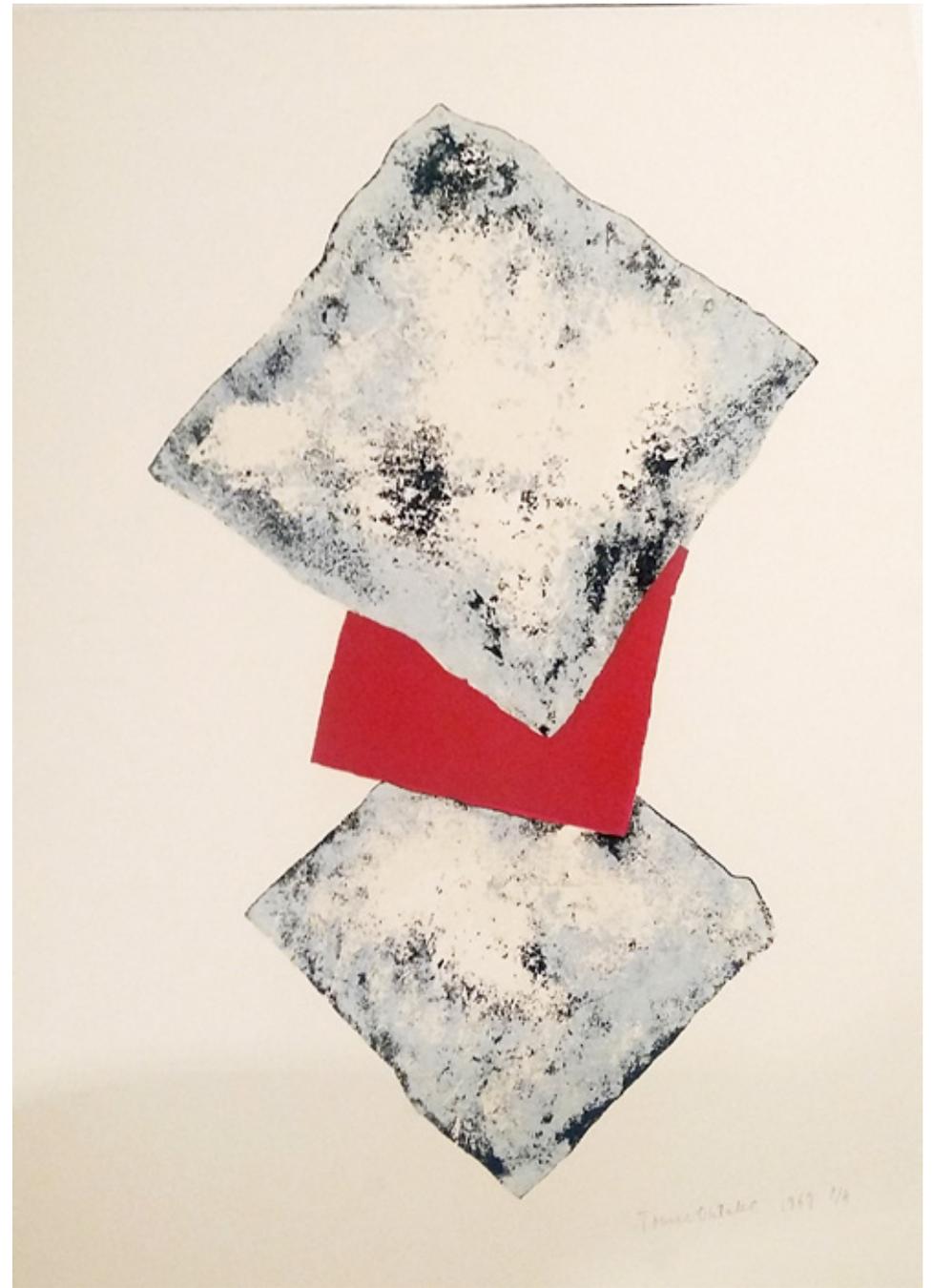
Tema Ostrava 1968 20/50

---

Sem título, 1968  
serigrafia sobre papel  
42,2 x 60 cm

---

Sem título, 1969  
serigrafia sobre papel  
66 x 48 cm





---

*Sem título*, 1965  
tinta óleo sobre tela  
120 x 100 cm

---

→ [próxima página]  
tomie ohtake em sua casa ateliê,  
década de 1980  
Campo Belo, São Paulo, Brasil





---

## abstração orgânica década de 1970

Os trabalhos feitos com papéis rasgados deram lugar, na década de 1970, a trabalhos feitos a partir de colagens em que a ferramenta principal era a tesoura. Essa mudança de instrumento permitiu realizar obras com contornos mais nítidos, devido ao maior domínio exercido pela artista sobre o resultado. Segundo o curador Paulo Miyada, essa “era uma forma de lidar com a instantaneidade do gesto e impregnar todo o processo de pintura com seu equilíbrio entre acaso e controle”. Outros pontos de destaque são a notória expansão da paleta cromática, tornada mais rica e vibrante, assim como o estabelecimento de uma relação mais direta entre a textura da pintura final e aquela apresentada nos materiais da colagem que lhe servem de base. O resultado, ainda que abstrato, não se encaixa nas definições de abstração informal, ou tachismo, em que o gesto da pintura, o rastro da mão sobre a tela, são determinantes do estilo. De fato, essas obras estão relacionadas com abstrações orgânicas, a forte presença de formas ovulares, de arcos, tubos, curvas etc. que nos sugerem paisagens.

---

Sem título, 1978  
tinta óleo sobre tela  
100 x 100 cm



---

*Sem título*, 1979  
tinta óleo sobre tela  
100 x 100 cm



---

*Sem título*, 1979  
tinta óleo sobre tela  
150 x 150 cm



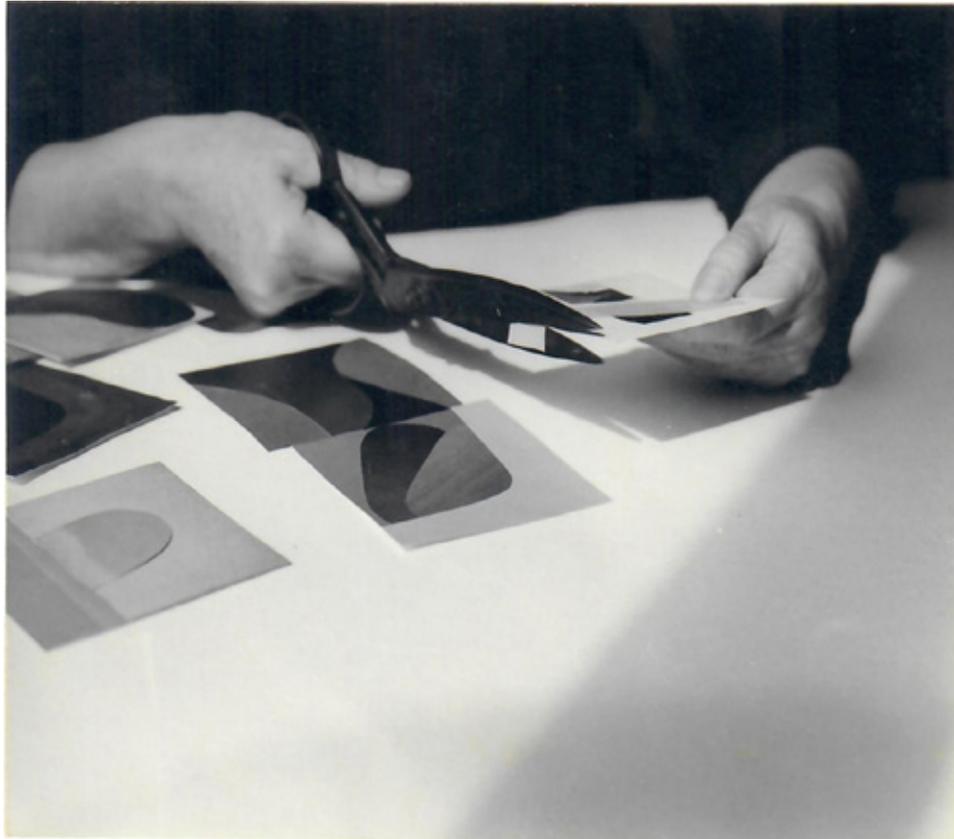
---

Sem título, 1976  
tinta óleo sobre tela  
100 x 100 cm



---

Sem título, 1976  
tinta acrílica sobre tela  
100 x 100 cm



---

Tomie Ohtake em sua casa ateliê,  
década de 1980  
Campo Belo, São Paulo | SP, Brasil

---

→ [próxima página]  
vista da exposição  
Tomie Ohtake: *Nas pontas  
dos dedos*, 2018  
Galeria Nara Roesler,  
Rio de Janeiro, Brasil



---

**formas circulares** década de 1980

Nos anos 1980, Tomie Ohtake começa a realizar uma série de composições com formas circulares sobre telas quadradas. As curvas introduzem dinâmica na composição, que tende à estabilidade pelo seu formato. Em 1983, ela introduz o uso da tinta acrílica dissolvida em água, o que possibilita a incorporação do acaso, do descontrole na criação das camadas cromáticas de suas pinturas. O caráter líquido do material permite que ele siga suas próprias direções sobre a tela, definindo sua forma, que é capaz de nos remeter ao etéreo das nuvens. Após meditar sobre os resultados obtidos, ela intervém de maneira controlada sobre o quadro. Com o pincel, ela passa a construir a composição, sem deixar de lado o imprevisível. No final da década, o gesto se torna ainda mais marcado. Sobre amplos campos de cor, eles criam a sensação de transparência e profundidade.

---

Sem título, 1980  
tinta óleo sobre tela  
69 x 68 cm





---

Sem título, 1980  
tinta óleo sobre tela  
100 x 100 cm



---

*Sem título*, 1987  
tinta acrílica sobre tela  
150 x 150 cm

---

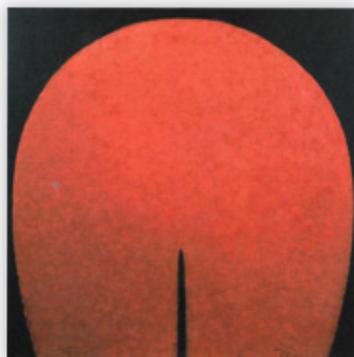
*Sem título*, 1986  
tinta óleo sobre tela  
150 x 150 cm





---

*Sem título, 1984*  
tinta acrílica sobre tela  
100 x 100 cm



---

*Sem título*, 1982  
tinta óleo sobre tela  
50 x 50 cm



---

## pinturas cósmicas década de 1990

O crítico e curador Frederico Morais sintetiza esse período do trabalho de Tomie Ohtake da seguinte forma: “Para os anos 90 a metáfora é o gás: nuvens, vapores, nebulosidades, massa estelar, galáxias, corpos celestes, Via Láctea, o universo em formação. Em suas obras atuais, a curva segue preponderante: círculo galáctico, anéis e bolas de fogo, rosáceas, elipses, espirais parabólicas. Mas, enquanto nas telas de 59-62 é a mancha que comanda a estrutura, adensando a superfície em áreas, quase planos, de tonalidades que intercalam os extremos do branco e do negro, com resíduos gráficos indicando o curso do pincel e da trincha, nas telas dos anos 90, a pincelada vibrátil, mais toque que extensão, anula ou mesmo destrói a precisão da linha curva, resultando em formas que se dissipam, envoltas que estão numa matéria gasosa, nublada, nuviosa. E não por acaso, a artista substitui a opacidade corpórea do óleo pelo acrílico que favorece as transparências e veladuras.”

---

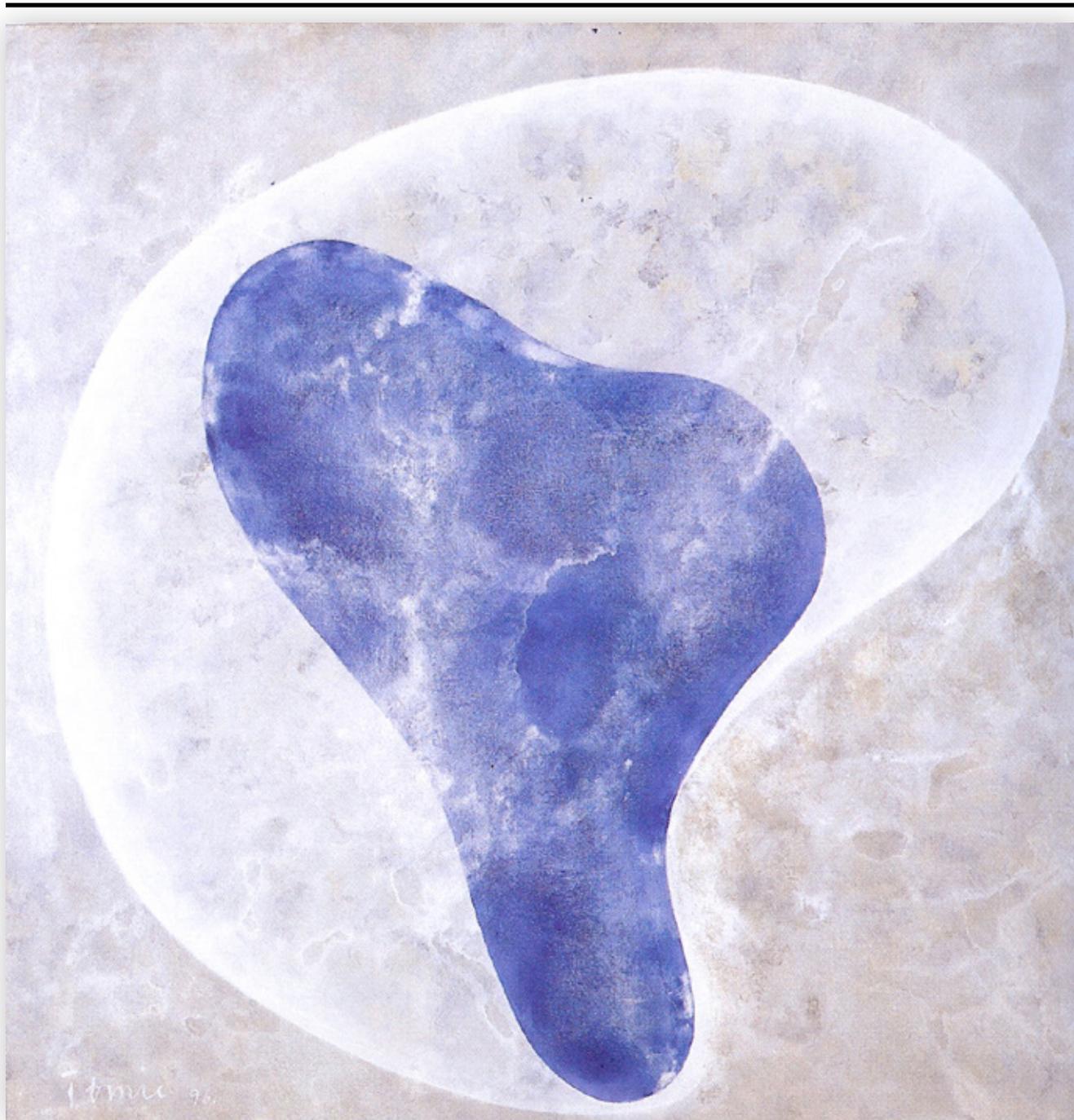
Sem título, 1993/1994  
tinta acrílica sobre tela  
200 x 170 cm



---

*Sem título*, 1994  
tinta acrílica sobre tela  
200 x 400 cm





---

Sem título, 1996  
tinta acrílica sobre tela  
150 x 150 cm



---

*Sem título*, 1995  
tinta acrílica sobre tela  
180 x 180 cm



---

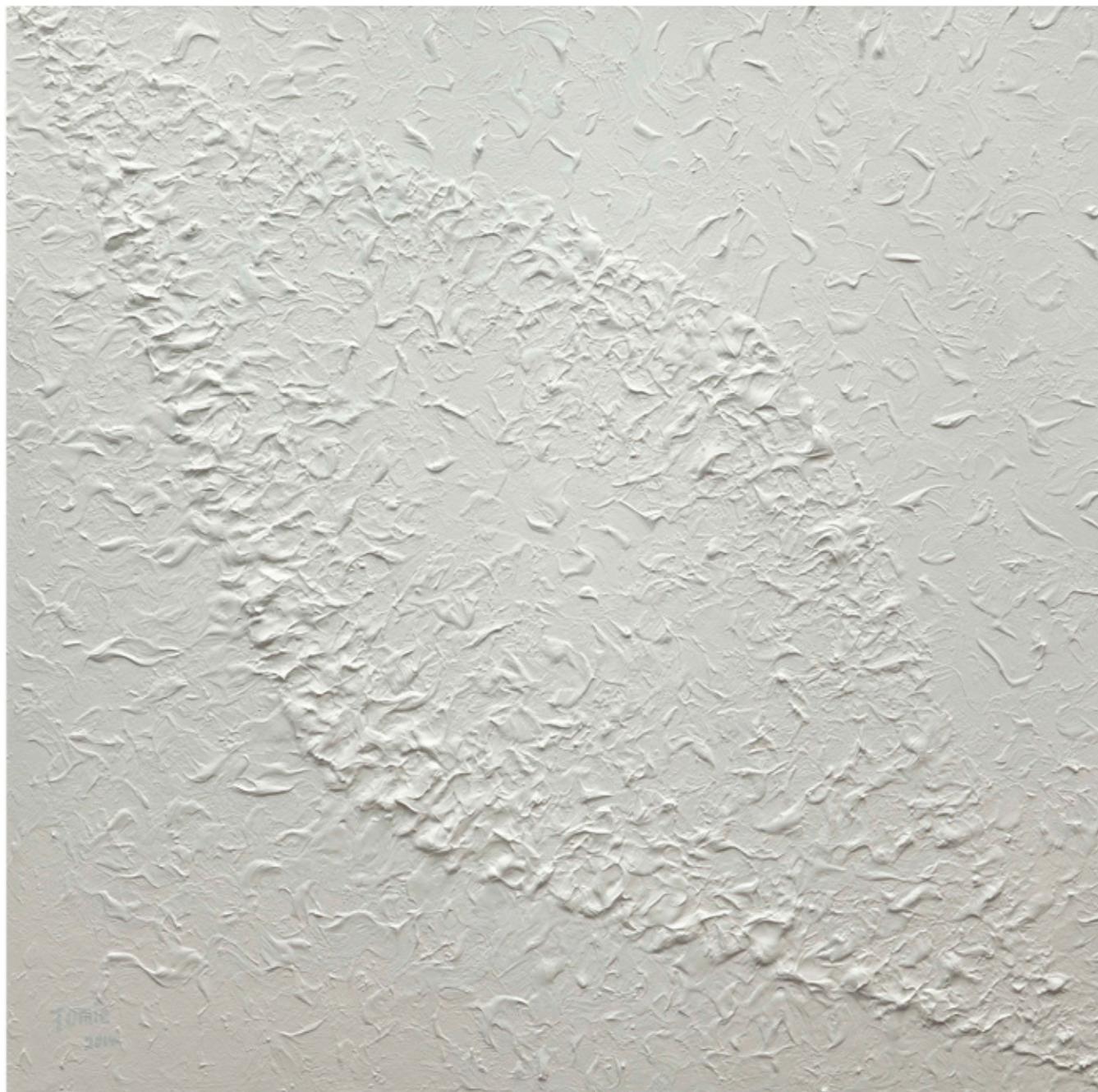
*Sem título*, 1993/1995  
tinta acrílica sobre tela  
200 x 200 cm



---

*Sem título*, 1992  
tinta acrílica sobre tela  
100 x 150 cm

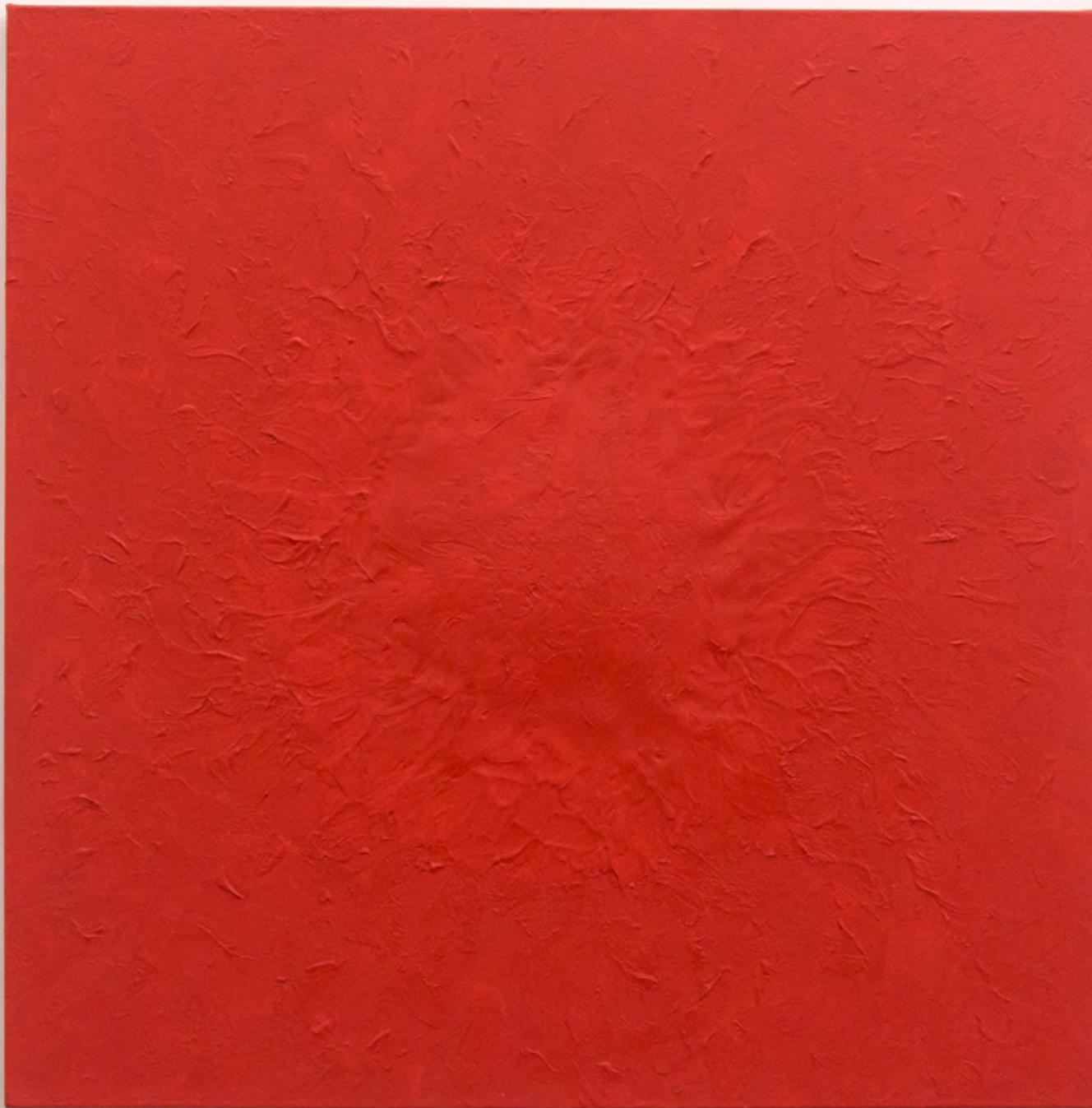
Os monocromos já se tornaram um gênero comum da pintura do século XX. Nos últimos anos de sua produção, Tomie Ohtake contribui com sua própria visão sobre esse tipo de composição. Inicialmente, seu interesse não estava em uma única cor. Ela utilizava variados tons, como amarelo, vermelho e azul. Contudo, no seu último ano de produção, já com 100 anos de idade, ela inova, mais uma vez, o seu processo. Segundo a curadora Carolina de Angelis, essas “São pinturas que têm uma materialidade diferente. Elas têm camadas grossas de tinta, que fazem relevos”. Outro fator interessante é que elas todas são feitas em branco. A ausência de cor deixa transparecer de modo determinante a textura da superfície que faz irromper, pela sua irregularidade, jogos de luz e sombra.





---

*Sem título*, 2014  
tinta acrílica sobre tela  
100 x 100 cm



---

*Sem título*, 2014  
tinta acrílica sobre tela  
100 x 100 cm



---

*Sem título*, 2014  
tinta acrílica sobre tela  
100 x 300 cm



---

vista da exposição  
*Tomie Ohtake: 100-101*, 2015  
Instituto Tomie Ohtake,  
São Paulo, Brasil  
foto © Everton Ballardin. Cortesia do  
artista e da Galeria Nara Roesler.

---

**gravuras** 1969–2015

A gravura, assim como a pintura, é um dos meios eleitos por Tomie Ohtake para a produção de imagens. Suas primeiras incursões na linguagem deram-se com a serigrafia. Esses trabalhos são um desdobramento do trabalho de pintura de Tomie Ohtake, pois a técnica permite não só a reprodutibilidade, mas a criação de zonas de cor chapadas, que se justapõem. Em 1972, ela realiza uma série de litografias, da qual alguns exemplares viriam a ser expostos na Bienal de Veneza daquele ano. Nesses trabalhos, explora as possibilidades da técnica na produção de linhas, planos, texturas e gradações tonais.



---

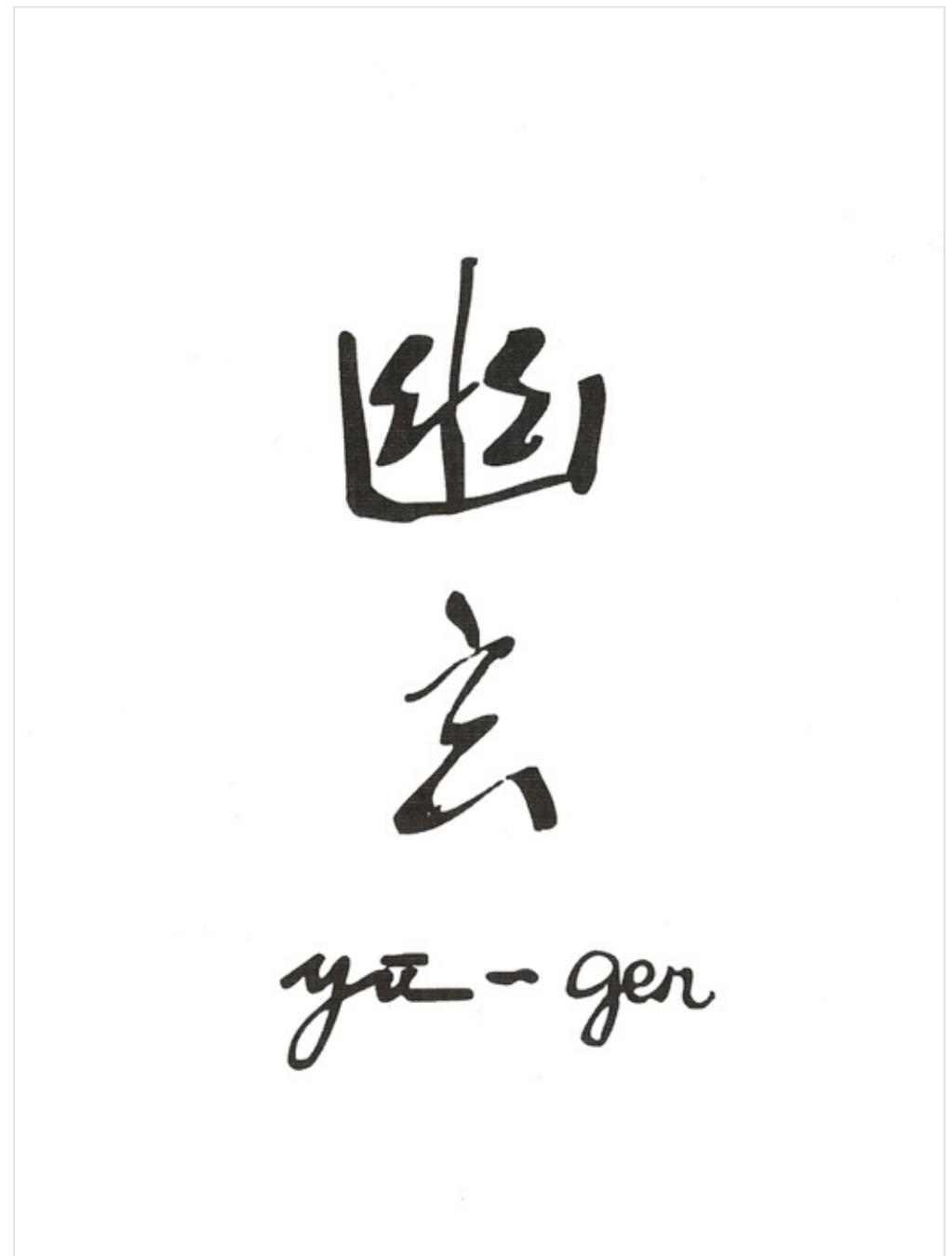
*Recorte da forma # 06, 1999*  
gravura em metal  
70 x 100 cm

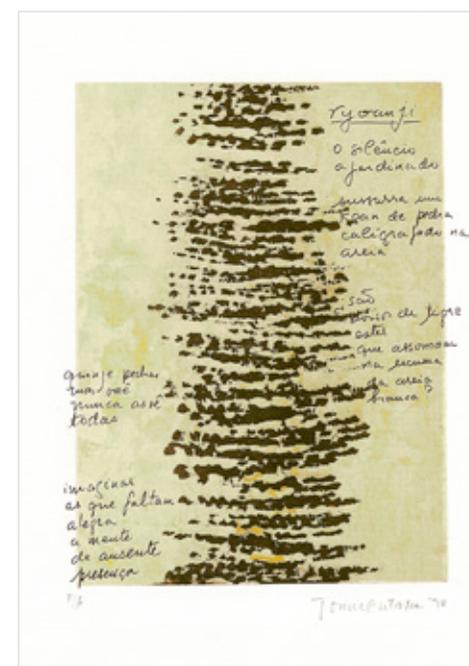
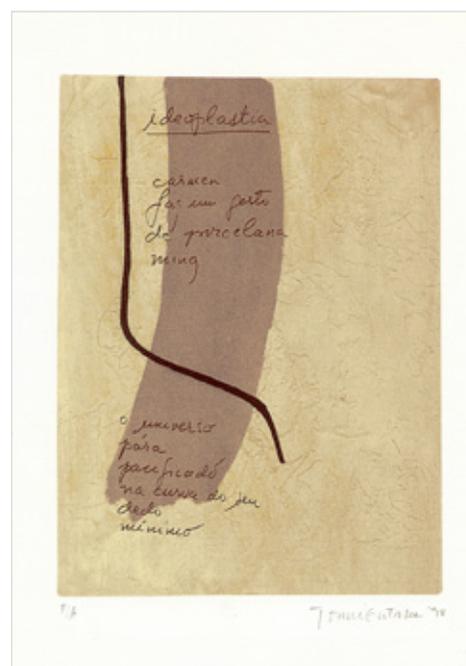
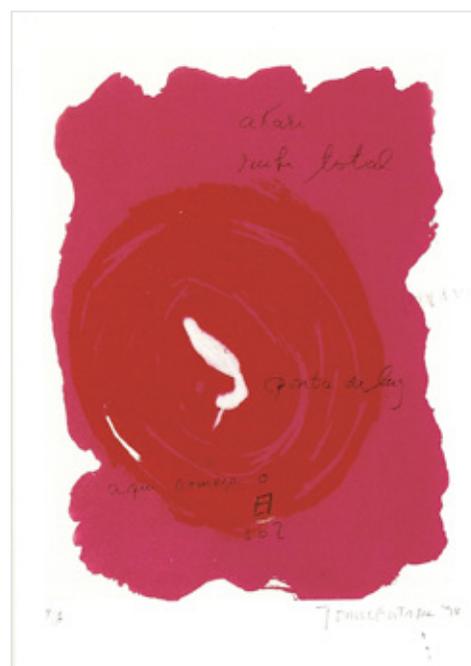
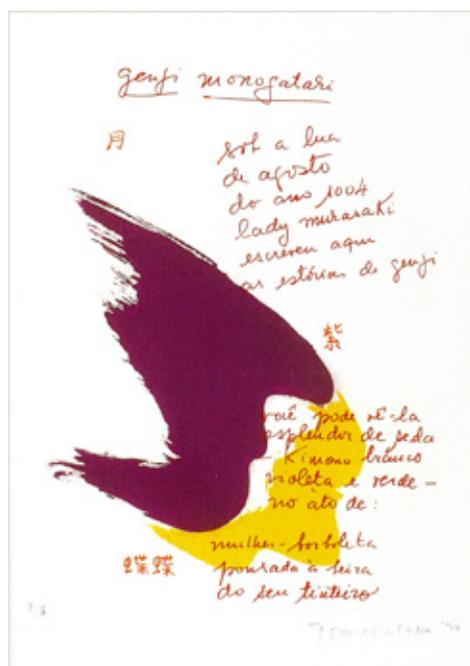
---

Quinze anos depois, em 1987, a técnica utilizada será a da gravura em metal. Em colaboração com o impressor Claudio Vasquez, ela se debruça sobre uma das características principais da gravura, a possibilidade de múltiplas cópias. Ohtake foi capaz de realizar, naquele ano, uma série de trabalhos que foi exposta simultaneamente em dez capitais brasileiras de quatro diferentes regiões. As experimentações continuaram na década seguinte. Em 1999, a artista cria uma série de estampas das quais recorta as bordas do papel, resultando apenas na área impressa. Dispostas ligeiramente distantes da parede, entre placas de acrílico, elas adquirem volume por meio da sombra que projetam.

---

*Yu-Gen (album)*, 1998  
gravura em metal  
53 x 38 cm em cada  
produzido em colaboração  
com Haroldo de Campos

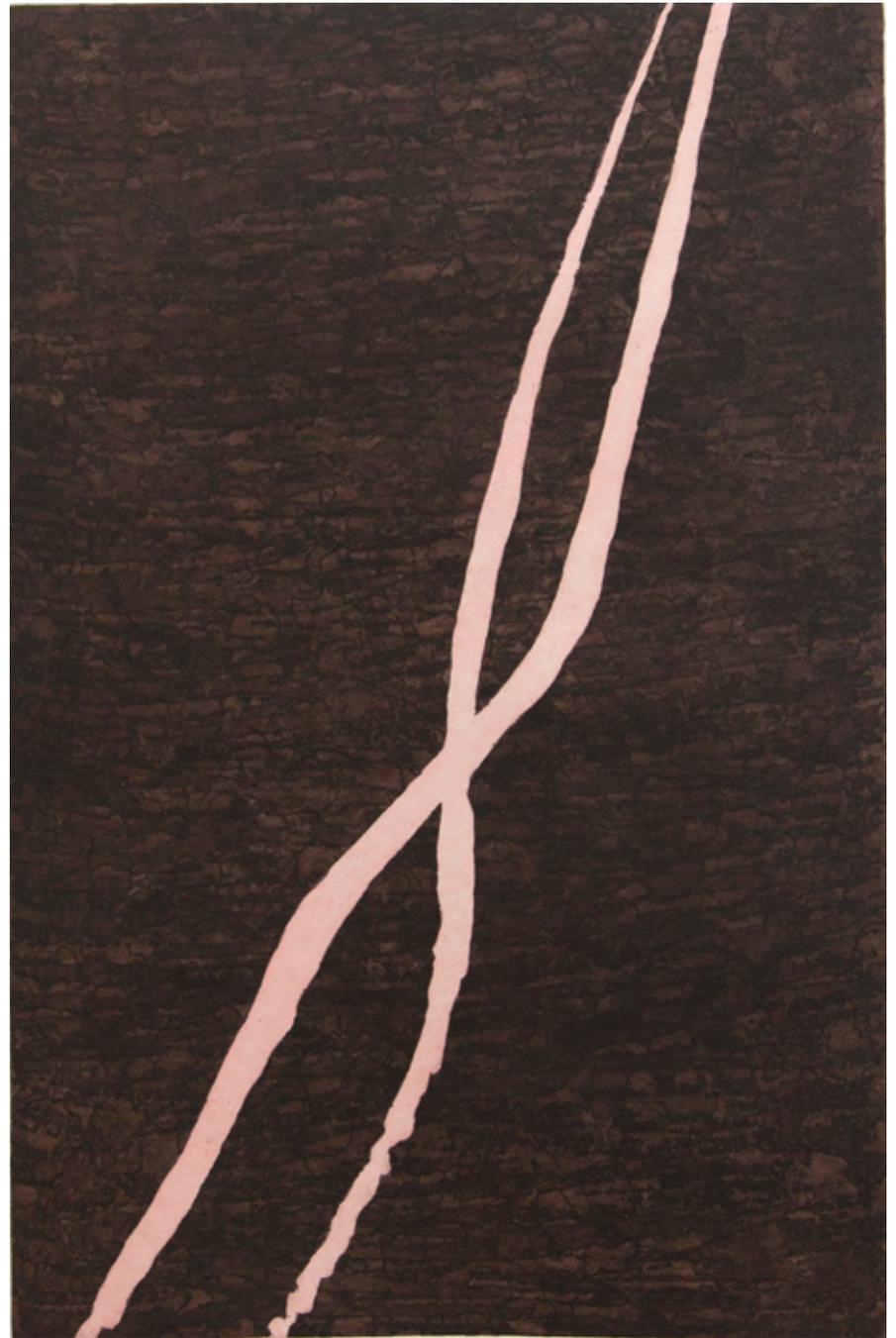


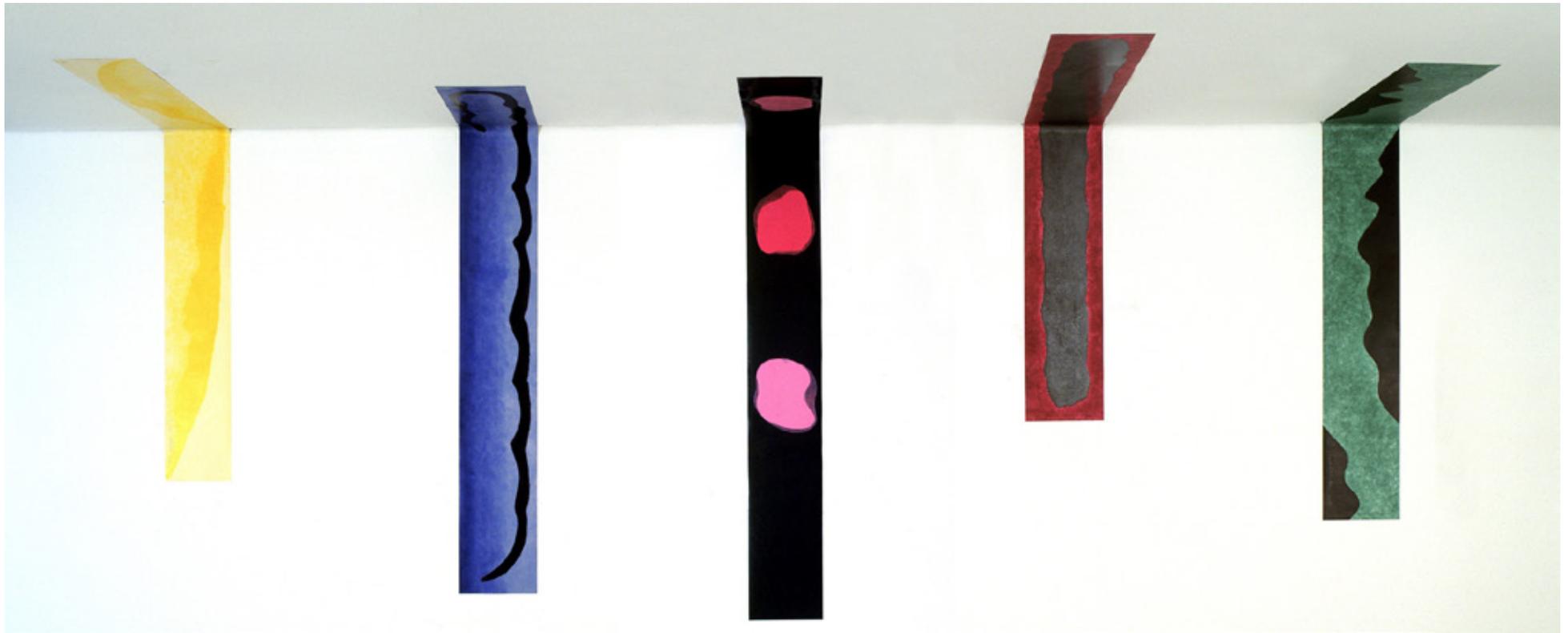


Yu-Gen (album), 1998  
gravura em metal  
53 x 38 cm em cada  
produzido em colaboração  
com Haroldo de Campos

---

*Projeto Instituto Tomie Ohtake,*  
2002  
gravura em metal  
100 x 70 cm





*Sem título*, 2005  
gravura em metal em cores sobre papel  
sobre poliestireno  
27 x 220 cm



vista da exposição  
*Tomie Ohtake Gráfica, 2006/2007*  
Instituto Tomie Ohtake,  
São Paulo, Brasil,  
foto © Denise Andrade. Cortesia do  
artista e da Galeria Nara Roesler

---

## esculturas e obras públicos

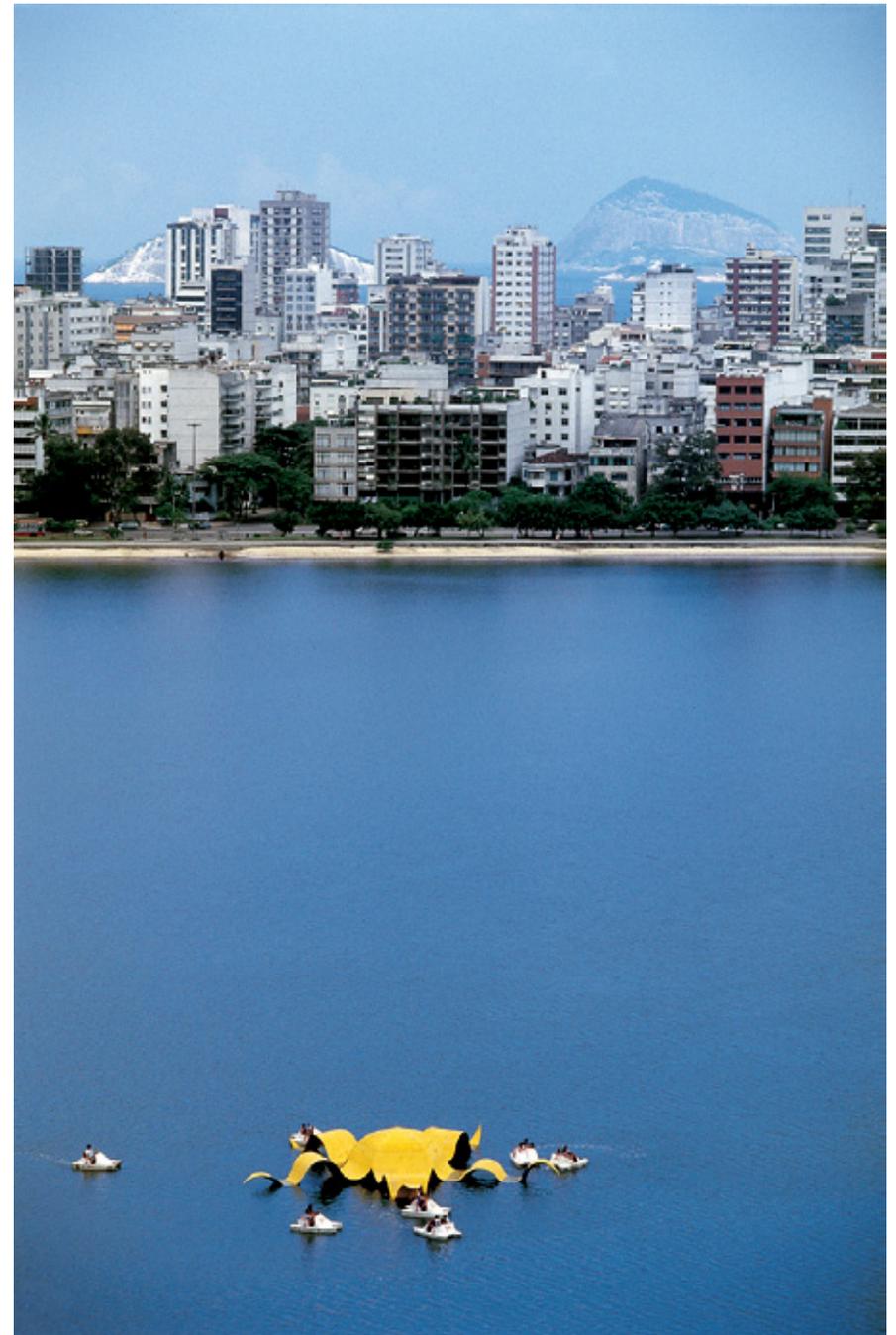
1983–2015

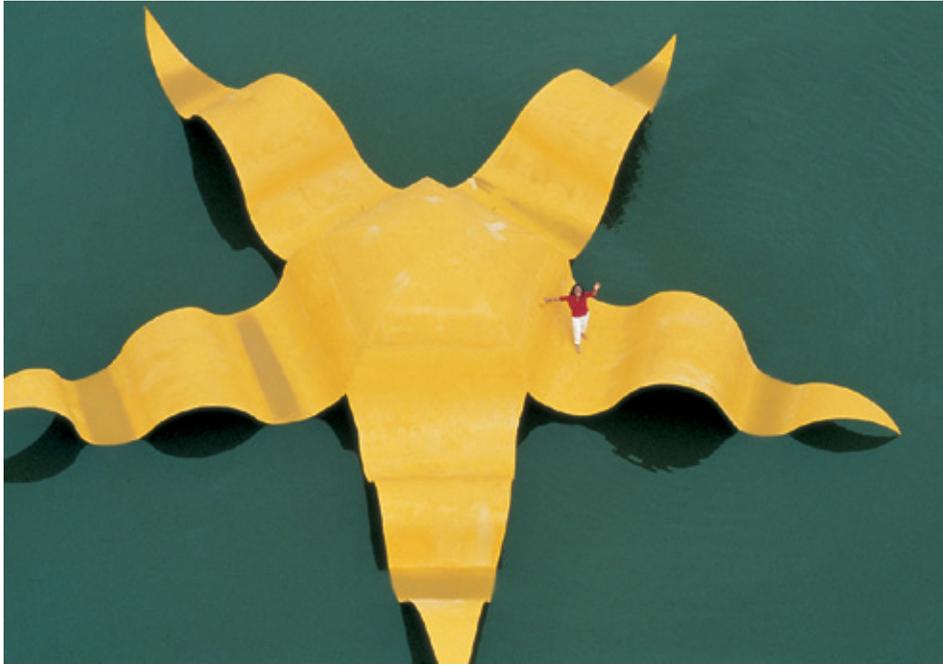
1983 é o ano em que Tomie Ohtake realiza seu primeiro projeto para um espaço público. Inaugura-se, nesse momento, um novo caminho para seu trabalho que correrá em paralelo à sua produção de pinturas e gravuras. Esses trabalhos, em sua maioria, possuem caráter tridimensional, mas há, também, uma considerável quantidade de murais e painéis. Os espaços para os quais foram realizados são os mais diversos: metrô, espaços culturais, auditórios, aeroportos, teatros, empresas, hotéis, praças, entre outros. Essa variedade evidencia a versatilidade do trabalho de Ohtake, capaz de se adaptar a diferentes lugares, observando suas especificidades, sem deixar de lado seu estilo.

---

*Lagoa Rodrigo de Freitas, 1985*  
Rio de Janeiro, Brasil

Escultura em ferro com 20 metros de diâmetro e 17 toneladas. Executado no estaleiro Ishikawajima, que doou à cidade. Inaugurado pelo vice-prefeito e secretário de Cultura do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro.







---

*Ladeira da Memória*, 1984  
São Paulo, Brasil

Ladeira da Memória, Anhangabaú, 1984, pintura na parede lateral cega de prédio, com 55 metros de altura e 22 metros de largura, epóxi na parede. Conceito da EMURB (arquiteto José Roberto Graciano) e patrocínio do Banco Nacional. Inaugurada pelo prefeito Mário Covas.





Companhia Brasileira de Metalurgia  
e Mineração (CBMM) parque  
industrial, 1999/2000  
Araxá, Brasil

Escultura de aço, de 23 metros de comprimento, pesa 20 toneladas. Inaugurado pelo presidente da CBMM, José Alberto Camargo, pelo embaixador José Aparecido, e pelo secretário de Cultura, Angelo Oswaldo. Elaboração do projeto de Aluísio Margarido, executado por Edmundo Canedo e sua equipe, com a colaboração de Jorge Utsunomiya e Vera Fujisaki.





---

*Sem título*, 2004  
perfis de aço galvanizado  
e gesso cartonado  
20 x 20 m

painel na parede frontal e teto  
do salão principal do Auditório  
Ibirapuera, São Paulo, Brasil.  
Arquitetura: Oscar Niemeyer





---

*Parque do Emissário Submarino,*  
2008  
Santos, Brasil

Aterro na Praia do José Menino, em Santos, 2008. A escultura em aço de 15 metros de altura foi pintada com tinta automotiva, pesa 60 toneladas. Viabilizado pela cidade de Santos com patrocínios da Cosipa / Usiminas, Gafisa e Yune Incorporadora. Executado com a colaboração de Jorge Utsunomiya e Vera Fujisake.



---

*Memorial da América Latina*, 1990  
São Paulo, Brasil

Tapeçaria na parede lateral interna do Auditório, com 70 metros de largura. Projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer. Executado por Tabacow. Inaugurada pelo Governador Orestes Quércia.

---

As esculturas são realizadas em aço posteriormente recoberto por uma camada de tinta sólida. O uso de planos e linhas curvas traz leveza para o material. A impressão que se tem é de que a linguagem visual da artista se expandiu para a paisagem urbana. O mesmo efeito pode ser onde a mostra é realizada, uma sinuosa linha construída com ferro tubular redesenha o espaço.



---

vista da exposição  
XXIII Bienal Internacional de São Paulo, 1996  
Special Room–Sculpture  
Fundação Bienal de São Paulo  
Pavilhão Cicillo Matarazzo, São Paulo, Brasil

---

Nos anos 2000, ela seguirá desenvolvendo esculturas, utilizando a mesma gramática formal. Em dimensões menores que suas obras públicas, essas finas estruturas levemente curvas tanto podem estar fragilmente equilibradas sobre si mesmas, dispostas sobre o chão, como podem sair do teto ou das paredes, ligando esses espaços. Esses objetos de aço pintado de branco revelam um pensamento expandido do desenho, tendo em vista a agilidade da forma, que nos faz pensar em um traço realizado instintivamente.

---

*Sem título*, 2008  
tinta automotiva sobre  
aço carbono tubular  
190 x 250 cm

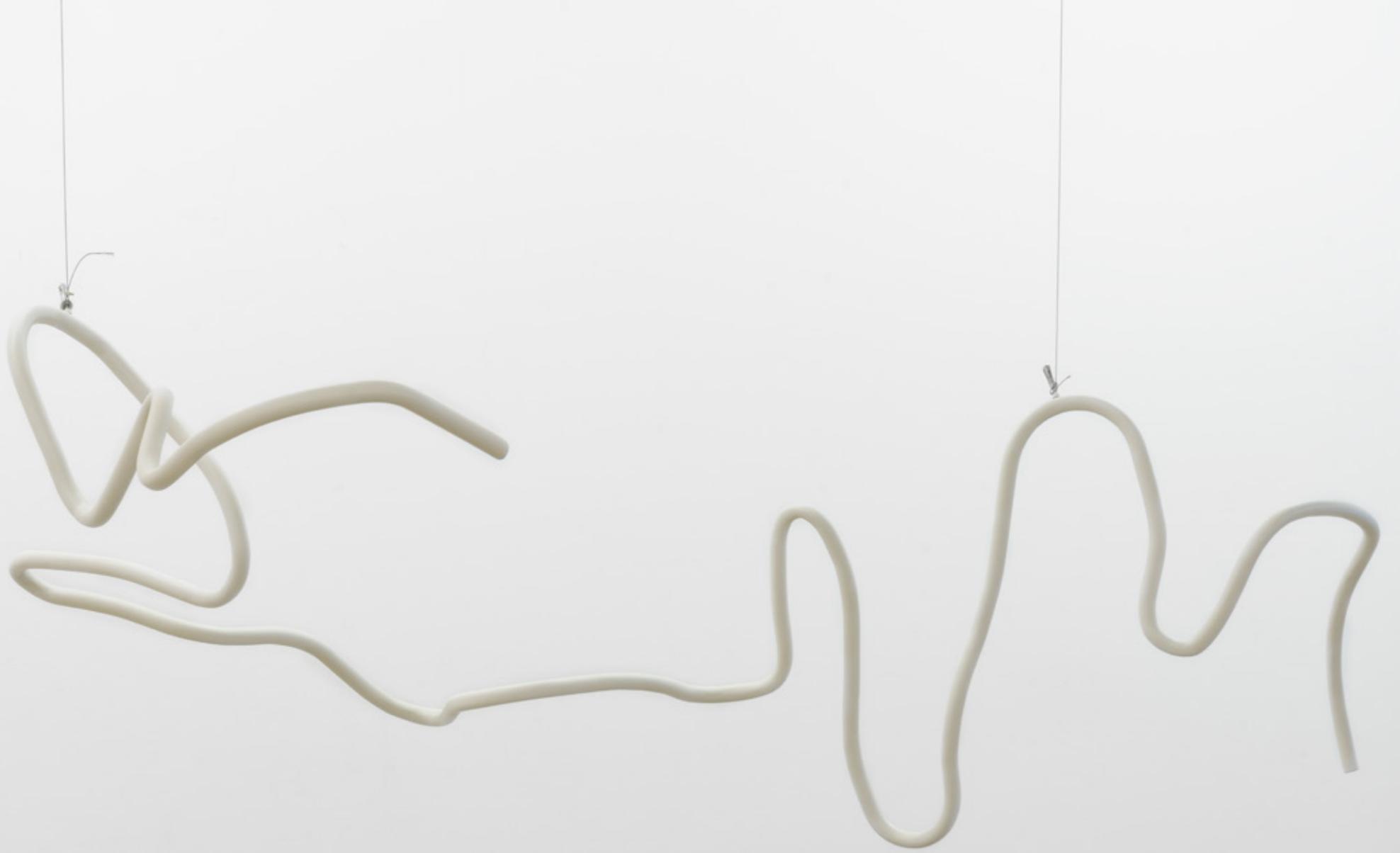
---

→ [próxima página]  
*Sem título*, 2014  
tinta automotiva sobre  
aço carbono tubular  
140 x 136 cm





*Sem título*, 2008  
tinta automotiva sobre  
aço carbono tubular  
60 x 230 x 110 cm



---

nara roesler

---

---

**são paulo**

avenida europa 655,  
jardim europa, 01449-001  
são paulo sp brasil  
t 55 (11) 2039 5454

---

**rio de janeiro**

rua redentor 241,  
ippanema, 22421-030  
rio de janeiro, rj, brasil  
t 55 (21) 3591 0052

---

**new york**

511 west 21<sup>st</sup> street  
new york, 10011 ny  
usa  
t 1 (212) 794 5038

---

[info@nararoesler.art](mailto:info@nararoesler.art)

[www.nararoesler.art](http://www.nararoesler.art)